



A potência da subjetividade

Prof. Dr. Rodrigo Ratier | rratier@usp.br

Referências

- SILVA, M.V; MORAES, F. A objetividade jornalística tem raça e gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019.



Âmbito da discussão

- lugar de fala
 - o subjetivo encarnado nas condições sociais coletivas vs. subjetivismo individual
 - interdição da palavra
 - olhar estrutural para o social
 - o “universal” e o “outro”
 - racializar o universal (branquitude, herança colonial)



Apreciação

- “A grande vingança”
- Série Atlanta, T3 E4
- Disponível na Netflix

O que ele pode sugerir sobre “o lugar de onde se fala” no jornalismo?



Tese

- Crítica à objetividade iluminista
 - "construída a partir das estruturas epistêmicas do sistema-mundo capitalista, patriarcal, ocidental, moderno".
 - Racionalidade colonizadora e limitante para a compreensão da alteridade
- Crise do jornalismo como "fratura nas formas de representação (...) historicamente atreladas ao processo colonizador da epistemologia moderno-positivista-racista da qual é parte" (p. 19)
- Objetividade noção permeada pelo ideário falacioso da neutralidade e impregnada por valores sociais dominantes
- Sugerimos uma prática jornalística que preveja a subjetividade como ferramenta para a descolonização do jornalismo



Objetividade

Hierarquia de sujeitos

- Sujeito universal: o homem, branco, heterossexual, ocidental
- O Outro: mulheres, negros, indígenas
- Objetividade baseada na neutralidade e na noção de sujeito universal contribui para a manutenção de sistemas classificatórios que transformam diferenças em desigualdades.
- Exime de trazer de maneira consistente e complexa problemáticas relativas a parcelas gigantescas da sociedade
- Historicamente, racionalidade delinea condição mais conservadora no encontro com alteridades, resultando na reprodução de estereótipos e preconceitos (p. 2-3)



Objetividade

- "As construções simbólicas operadas na racionalidade dominante dos modos de objetivação jornalística historicamente participam dos processos de transformação de diferenças em desigualdades, contribuindo para a manutenção e opacificação de ideologias como o machismo e o racismo" (p.2)
- "[As] noções de verdade e credibilidade assentadas em uma estrutura mental positivista, binária e simplificadora para a apreensão dos acontecimentos, partindo da negação/interdição da subjetividade nos processos cognitivos e baseando seus métodos e técnicas em estratégias (como a verificação e a prova empírica) típicas do cientificismo moderno" (p. 2)



Colonização do saber jornalístico

- Colonização do pensamento, segundo GROSFOGUEL (2010): ego-política do conhecimento que coloca o home europeu [branco, ocidental, heterossexual] onde antes se colocaria Deus" (p.3)
- [Jornalismo como] forma social de conhecimento desenvolvida e condicionada historicamente pelo desenvolvimento da sociedade capitalista
- Relacionado a condições de poder e saber. Sobre elas se estruturam suas condições epistemológicas como discurso de verdade.



Colonização do saber jornalístico

- Método científico – estrutura mental para conhecer e classificar o mundo – em estreita relação com a burguesia.
- Seria, então, a partir de um paradigma (moderno/colonial/positivista), de um sistema-mundo capitalista, masculinista, racista, heterossexista, ocidentalista (GROSFOGUEL, 2012) e de uma epistemologia colonialista que se estabeleceriam as balizas dos saberes produzidos para que sejam entendidos como verdade.
- Entre essas, destacam-se a objetividade, a neutralidade e a universalidade, bases do cientificismo e também dos métodos norteadores do fazer jornalístico.



Colonização do saber jornalístico

- “As **marcas da modernidade** nos **métodos e técnicas** de produção jornalística **produzem efeitos** nas maneiras como a realidade e os sujeitos podem ser **percebidos e narrados** como uma forma de conhecimento social. Ainda situado numa **racionalidade que simplifica** muito mais do que complexifica as formas como a realidade é concebida, o conhecimento produzido pelo jornalismo pode ser pensado em analogia aos modos de produção do conhecimento científico, não apenas compreendido de forma **cartesiana positivista** [razão dualista e lógica binária], como também **masculinista** (p. 5)



Colonização do saber jornalístico

A herança dos vieses iluministas segundo MACEDO (2011):

- sujeito (eu) estável e coerente
- razão como fundamento objetivo, estável, seguro e universal para o conhecimento
- conhecimento racional como verdadeiro, real e imutável
- verdade pode servir ao poder sem distorção
- conhecimento pode ser neutro e socialmente benéfico
- ciência é o paradigma de todo o conhecimento verdadeiro
- ciência é neutra nos métodos e conteúdos e benéfica nos resultados
- a linguagem é transparente (p. 5-6)



Colonização do saber jornalístico

- Refletindo em analogia sobre os impactos dos pressupostos moderno-iluministas, tanto na Ciência quanto no Jornalismo, percebe-se que estas ideologias para a produção do conhecimento são permeadas de valores políticos, econômicos e culturais hegemônicos legitimados pelo paradigma moderno e resultam na manutenção do status quo [lógica de acumulação capitalista, dos interesses das nações hegemônicas no contexto da geopolítica mundial e de sexo [e de raça]] em ambas as instâncias" (p. 6)



Exemplos de racismo/sexismo

- Racionalidade desenhada com uma noção específica do que é civilidade ratificou estereótipos porque eclipsam a opinião dos que são estereotipados.
 - animalidade dos negros
 - invisibilização feminina (principalmente transgênera)
- Jaar e a guerra em Ruanda (1994): "Onde estava a objetividade jornalística enquanto aquelas milhares de pessoas jaziam nas ruas? Porque aqueles corpos não escandalizaram, desde o começo do massacre, a opinião pública? Porque eram negros? Porque eram "anônimos"? Porque era África? A hierarquia de lugares e pessoas, critério noticioso objetivo, venceu a magnitude e o número de envolvidos porque quem morre – e onde morre – são questões mais valorizadas pelo jornalismo e sua objetividade excludente."



Repensar valores-notícia

O repensar dos valores-notícia: hierarquias de classe, raça e geográficas

- A busca pelo endótico – e não pelo exótico
- A busca pelo infraordinário – e não pelo extraordinário
- A busca pelo evidente – e não pelo insólito
- A busca pelo que não chama atenção



Repensar valores-notícia

- Entendemos que os valores-notícia também são permeados de valores sociais hegemônicos, acionados inconscientemente nos processos de leitura da realidade como parte da bagagem cultural de conhecimentos dos jornalistas e da intrínseca relação com a cultura da qual são parte (VEIGA DA SILVA, 2014).
- É aqui que o jornalismo de subjetividade nos é útil como ferramenta, ao empregar uma abordagem não espetacularizada sobre grupos historicamente considerados Outros da racionalidade e normatividade vigentes; ao procurar trazê-los sem enquadrá-los como exóticos, engraçados, vítimas ou violentos; ao não tomar repórteres como heróis e/ou heroínas, salvadores, enquanto o Outro é figurante. (p. 17)



Contribuições feministas e decoloniais

- “As teóricas feministas propuseram não apenas que o sujeito deixasse de ser tomado como ponto de partida, mas que fosse considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas”
- A crítica feminista evidencia as relações de poder constitutivas da produção dos saberes, como aponta (...) Foucault.
- [Entende a] produção discursiva da diferença feita por meio de processos linguísticos de significação em redes de poder-saber.



A subjetividade como ferramenta para uma virada epistêmica

Jornalismo de subjetividade

- "Entendemos que a **subjetividade** (e todos os elementos que estariam relacionados a ela, tais como a emoção, o corpo, as visões de mundo dos sujeitos-profissionais), atributo convencionalizado como feminino, **ocupa as bases da hierarquia no jornalismo.**" (p. 13)



A subjetividade como ferramenta para uma virada epistêmica

Concretamente, o que é o “subjetivo” proposto:

- "A subjetividade sobre a qual nos referimos neste jornalismo se situa em questões extremamente pertinentes e presentes no mundo sensível: na necessidade de **observarmos posições** de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por estes são enquadrados; na obrigatoriedade de **levar em conta a estrutura social circundante** (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo, pelo machismo e pelo racismo); na procura de um **olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas**, em como são devolvidas ao mundo; na **fissura de representações** previamente dadas (ou fatos previamente dados); finalmente, em uma **autocrítica do próprio campo** assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular e/ou exotificante." (p. 14)



A subjetividade como ferramenta para uma virada epistêmica

- Subjetivo e objetivo não se excluem: enquanto "objetividade situada" (HARAWAY), ("localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto")
- Assim, orientar pautas, abordagens e escrita com esses pressupostos não significa estar com os sentidos embotados pela emoção: ao contrário, significa estar também guiado por critérios dados no desenho de nossa realidade. Ou devemos ignorar, em nome de uma "isenção", o meio no qual vivemos, somos assujeitados e do qual extraímos nossas temáticas?
 - (não confundir com emoção, que tem seu valor ao informar a "contaminação", mas não embota os sentidos)



A subjetividade como ferramenta para uma virada epistêmica

- Sugerimos que a subjetividade alavancada ao patamar de relevância na prática jornalística pode contribuir com a valoração e melhor compreensão dos elementos subjetivos potentes para uma melhor leitura da realidade e encontro com as alteridades. O reconhecimento de que as posições de sujeito do jornalista (bem como as bagagens culturais e valores dominantes) constituem suas lentes de leitura da realidade, contribui para uma melhor compreensão de como as tramas simbólicas se tecem, sendo o jornalista central nos processos cognitivos. O corpo, os sentidos e as emoções são instrumentos partícipes das práticas, e, quando percebidos em suas dimensões culturais e cognitivas, podem tornar-se potentes para melhores ações. A compreensão de um Eu que constrói o Outro em relação é um ganho gigantesco para as problemáticas relações de alteridade do jornalismo hegemônico. (p. 19)



Obrigado!